

Pais respondem pela qualidade da escola

Luiza Damé

Numa rede pública em que a qualidade do ensino é questionada, algumas escolas conseguem o reconhecimento da comunidade, identificado especialmente no período de matrículas. São comuns, em colégios como o Setor Leste, Ceab de Taguatinga, Setor Oeste, Polivalente e Escola Classe 05 do Guará, as imensas filas de pais e alunos que acampam nos estabelecimentos em busca de vagas sempre em número inferior à procura. O segredo desses estabelecimentos é a grande participação da comunidade que ajuda a manter a parte física e integra-se ao processo pedagógico. A receita é estável e eficiente que o Gisno e o Caseb — que já foram considerados bons colégios — agora buscando apoio dos pais para se reabilitarem.

Embora não admita que haja diferenças fundamentais entre o ensino das escolas públicas, o diretor-executivo da Fundação Educacional, Paulo José Martins, reconhece que alguns colégios conseguiram um maior nível de participação da comunidade. “É preciso que o pai participe da escola. Onde isso acontece, o ensino é de melhor qualidade e há maior número de equipamentos à disposição dos alunos”, argumentou.

Segundo ele, com a transferência da classe média da rede particular para a pública, os pais vão cobrar maior qualidade no ensino oferecido pelos colégios oficiais. Atualmente, a participação dos pais é bastante ativa na Escola Classe 05 do Guará, no Setor Leste e no Ceab — exemplos de estabelecimentos que conseguem manter uma boa estrutura física, graças às contribuições financeiras via Associação de Pais e Mestres (APM), aliada a um padrão de ensino de excelência.

Aprendizagem

Aliás, na Escola Classe 05, a integração dos pais faz parte do processo pedagógico. Bimestralmente, eles são chamados à escola para acompanhar a aprendizagem das crianças. “A escola oferece a abertura e os pais dão alguma coisa em troca”, ressaltou o presidente da APM, José Lurtiz de Lima, pai de Caroline que cursa a terceira série. “A direção do colégio se preocupa em forçar a participação dos pais no processo pedagógico. De nada adianta elegermos diretores, se não acompanharmos o desempenho dos nossos filhos”, defendeu o presidente da Associação dos Moradores do Guará, Samuel Santana — que enfrentou a fila para matricular Caio no pré-escolar.

Para a diretora da Escola Classe 05, Adélia Teixeira, há uma ligação muito grande entre a comunidade e o colégio. “Se um menino não vem à aula, nós telefonamos para saber o que aconteceu”, informou a diretora, em um dia no qual as salas de aula foram ocupadas por adultos — os pais estavam fazendo a primeira reunião com as professoras de seus filhos. O diretor do Ceab, Antônio Rodrigues, acredita que a comunidade comprometida com a escola ajuda a manter o patrimônio, evitando-se depredações. Essa também é a opi-

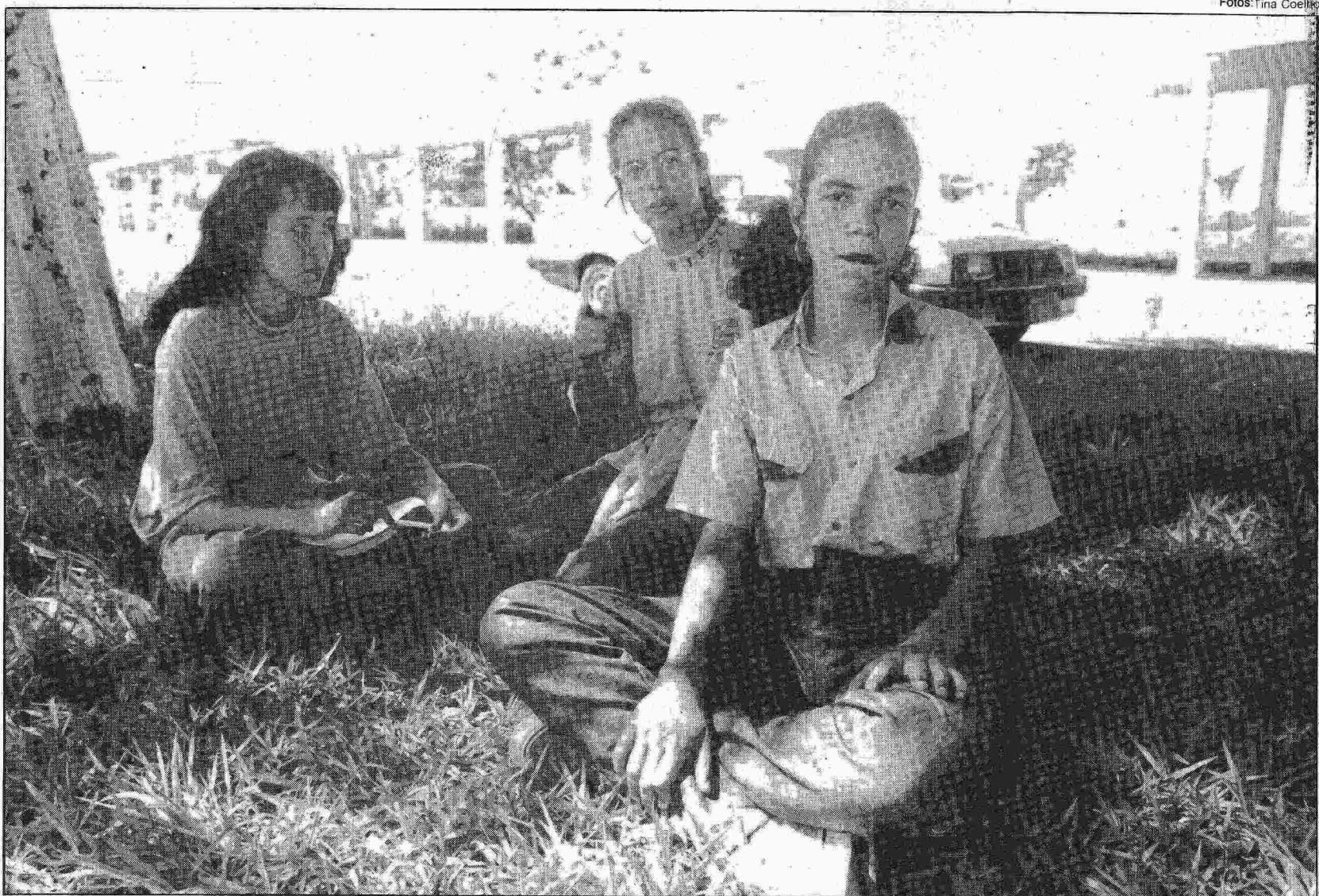
nião da diretora do Caseb, Cleidy-mar Xavier. “Nós fizemos um trabalho de conscientização sobre a conservação da escola e todos ajudam a cuidá-la”, justificou.

Imagem

De acordo com o diretor-executivo da Fundação, além da participação da comunidade, o que diferencia esses estabelecimentos dos demais é a produção de uma imagem melhor. “Eles conseguiram um bom marketing através de suas atividades”, ressaltou. Porém, professores, pais e alunos dos chamados melhores colégios públicos não concordam com essa posição. “É possível verificar a diferença de ensino na aferição. Alunos que vêm de outras escolas com SS (melhor nota) acabam sendo reprovados aqui”, atestou o professor de Física, Leandro Silva Filho, há 28 anos no Setor Leste.

“Os professores são exigentes, explicam bem a matéria, mas não dão um décimo para ajudar o aluno”, afirmou Eryka de Carvalho, estudante do Setor Leste, enquanto aguardava o início das aulas juntamente com as colegas Elbane Gomes e Roberta Romana, todas da oitava série. “Eles ficam chateados quando são reprovados. Depois acabam entendendo que o professor cumpriu seu papel”, disse Leandro que dedica os dias de folga para trabalhar no laboratório de Física, consertando equipamentos.

A exigência, segundo avaliação dos alunos, também é a qualidade dos professores do Polivalente. “O ensino é puxado e os professores costumam cobrar nas provas toda a matéria”, disse Angélica Brunacci, na oitava série do Polivalente, contando com o apoio da amiga Juliana Zago França, sua colega desde a primeira série do primeiro grau. O diretor da Fundação admitiu que existem professores mais comprometidos com a educação e direções que conseguem um maior nível de mobilização da comunidade. “O mérito é todo deles”, afirmou.



Eryka, Elbane e Roberta, alunas da oitava série do Setor Leste, consideram os professores exigentes, mas também eficientes



Professor Leandro: dedicação

Fotos: Tina Coelho